

Entrevista com José Luiz Braga

Professor Titular e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos (RS). Doutor em Comunicação pela Université de Paris II, Institut Français de Presse.

Dispositivos interacionais: lugar para dialogar e tensionar conhecimentos/ Interactional devices as places to dialog and to collate knowledge

Resumo

Em entrevista aos editores da Dispositiva – Mozahir Salomão e Eduardo de Jesus¹–, o pesquisador José Luiz Braga fala sobre Dispositivos Interacionais (DI), tema que abordou na XX Compós, em 2011. De natureza pragmática e heurística, os DI, segundo o pesquisador, podem ser entendidos como um lugar de observação, a partir dos quais se pode “reunir alguma variedade de aspectos estudados e conhecidos que permita estudar os sistemas de relações – que podem variar conforme circunstâncias e demais singularidades do processo em ocorrência”. Braga afirma que os dispositivos interacionais seriam um lugar possível para se estudar os fenômenos comunicacionais, tornando possível um diálogo produtivo com a diversidade de enfoques e abordagens observáveis no campo comunicacional.

Palavras-chave: Dispositivos interacionais; epistemologia da comunicação.

Abstract

In an interview to the editors of Dispositiva, Mozahir Salomão and Eduardo de Jesus, the researcher José Luiz Braga speaks of Interactional Devices (IDs), subject that he talked about at the XX Compós, in 2011. Pragmatic and heuristic in nature, according to the researcher, the IDs can be understood as places of observation, from which one can "gather some variety of studied and known aspects that allows studying the systems of relations, which can vary in accordance to the circumstances and other singularities of the occurring process". Braga affirms that the interactional device would be a possible place to study the communicational phenomena, making a productive dialogue with a diversity of views and observable approaches in the communicational field possible.

¹ Mozahir Salomão e Eduardo de Jesus são professores do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas.

Keywords: Interactional devices; communicational epistemology.

Bem longe de propor – e mesmo de desejar – estabelecer uma teoria geral – o professor José Luiz Braga da Unsinos (RS) vem se dedicando, mais recentemente, à tentativa de estabelecimento do conceito de dispositivos interacionais (DI). Este foi o tema do paper que o pesquisador apresentou no GT de Epistemologia em comunicação, na última XX Compós, em Porto Alegre.² De natureza pragmática e heurística, os dispositivos interacionais, segundo o pesquisador, podem ser entendidos como um lugar de observação, a partir dos quais se pode “reunir alguma variedade de aspectos estudados e conhecidos que permita estudar os sistemas de relações – que podem variar conforme circunstâncias e demais singularidades do processo em ocorrência”. Braga afirma que os dispositivos interacionais seriam um lugar possível para se estudar os fenômenos comunicacionais, tornando possível um diálogo produtivo com a diversidade de enfoques e abordagens observáveis no campo comunicacional. Nesta entrevista aos editores da Revista Dispositiva, Mozahir Salomão e Eduardo de Jesus, José Luiz Braga fala sobre o momento atual de sua pesquisa e aponta os rumos que os estudos sobre os DI estão tomando e podem tomar a partir de agora.

²BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In: ENCONTRO COMPÓS, 20, 2011, Porto Alegre. Disponível em: <www.compos.org.br/data/biblioteca_1657.doc>

1. Na última edição da Compós, em Porto Alegre, você apresentou no GT Epistemologia da Comunicação o texto *Dispositivos Interacionais*, em que se propõe, preliminarmente, que esses dispositivos possam se instituir como um “lugar de observação” para se estudar o fenômeno comunicacional. No ponto em que estão os seus estudos, como a noção de dispositivos de interação pode contribuir para ajudar a “enfrentar a dispersão” que você percebe em nosso campo teórico?

Considerando a complexidade dos processos comunicacionais e o estado atual do conhecimento, a diversidade é produtiva: na insuficiente compreensão de tais processos, é relevante multiplicar as experiências de conhecimento. As Ciências Humanas e Sociais, em geral, são também palco de uma diversidade interna – mas obtiveram espaços de referência comum ou, no mínimo, cenários de desafio e contestação mútuos.

O que não é produtivo é a dispersão. Constatamos, já desde muito tempo, essa dificuldade de articulação e de tensionamento entre perspectivas diversificadas de estudo, no campo da Comunicação. Uma das razões da indiferença mútua (que favorece a dispersão) pode ser a pretensão de auto-suficiência, por ângulos específicos de produção do conhecimento sobre a comunicação. Mas não creio que seja esta a razão principal da dispersão. Mais grave é não dispormos de procedimentos teóricos ou práticos para construir uma interação na diferença.

A interação entre perspectivas diversas poderia ser feita em terreno teórico-epistemológico comum, no qual os diversos pudessem se reconhecer e se inscrever em sua diferença. Isso nos leva ao desejo de uma teoria geral, que seria esse espaço comum no qual a diversidade não seria dispersão, constituindo um quadro de variações conceitualmente controladas. Mas as tentativas de teoria geral têm proposto enfoques que acabam sendo redutores da diversidade pela exclusão dos ângulos que elas não conseguem incluir.

O conceito de “dispositivos interacionais”, como eu o antevejo, é muito diferente de uma teoria geral. Trata-se antes de um conceito pragmático e heurístico que permitiria uma aproximação de casos comunicacionais empíricos muito diversificados, para encontrar aí, variadamente, suas lógicas próprias.

Minha proposta, no artigo “Dispositivos interacionais”, é constituir conceitualmente um objeto empírico que possa ser observado por investigação,

com formulação flexível para comportar a inteligibilidade de diferentes proposições, descobertas e linhas de pesquisa na área da Comunicação. Dispondo de um objeto flexível, é viável cotejar olhares diferentes.

Entendo o enfrentamento da dispersão não como busca de consenso ou de explicação conjunta, mas como superação da indiferença. Superar a indiferença deve produzir tensionamento mútuo e desafios epistemológicos entre perspectivas diferenciadas. Através desse tensionamento podem ser desenvolvidos problemas de pesquisa e estimuladas descobertas.

Assim, o terreno comum de diálogo entre perspectivas não seria o de uma teoria apaziguadora, mas o de um enfrentamento empírico que possa gerar perguntas significativas para aquelas perspectivas.

2. Como se sabe, apesar de recorrentemente relacionado à noção de dispositivo, Michel Foucault não exatamente estruturou o conceito, mas talvez tenha feito mais, como aponta Deleuze em *O que é um dispositivo* (na verdade, uma leitura sobre o dispositivo foucaultiano): tenha nos legado uma filosofia do dispositivo. Deleuze, em algum momento, serviu-lhe de referência no estabelecimento de sua ideia? Na sua opinião, a ideia de linhas e forças de luz e de enunciação (da leitura deleuziana de Foucault) podem ser uma contribuição interessante para melhor compreender os dinâmicos e difusos processos comunicacionais?

Concordo certamente com a perspectiva de Deleuze sobre uma “filosofia do dispositivo”, em Foucault. Essa visada abrangente se contrapõe a uma percepção estruturalista dos processos sociais. Os sistemas de relações nos dispositivos, que articulam o funcionamento conjunto de elementos heterogêneos, não dependem de estruturas subjacentes das quais seriam epifenômeno. A ideia de Foucault repõe assim no mundo histórico a geração mesmo das regras que nos governam.

Além de trazer essa visada filosófica para uma compreensão das dinâmicas e dos processos difusos da Comunicação, é também o aspecto empírico do conceito de Foucault que me interessa, pela possibilidade que oferece à investigação e sobretudo para o aproveitamento de conhecimentos produzidos em áreas de interesse diversificadas.

Lembro que Foucault trata de dispositivos *de regulação* – lei, disciplina, segurança. A fluidez e a flexibilidade da noção de “dispositivo” pedem, justamente, que o conceito seja sempre qualificado, para uma derivação produtiva. Para

transferir o conceito, ênfase, então, o qualificador: dispositivos *interacionais* – e isso me parece um deslocamento significativo.

Quando pensamos nos processos reguladores da interação não podemos deixar de nos perguntar sobre sua elaboração no âmbito social. Onde se formam as regras, de diferentes níveis e substâncias, que comandam os processos interacionais para as extraordinariamente diversas situações de comunicação em que podemos nos encontrar?

Entendo que, assim como as regras são historicamente elaboradas e se tornam dominantes (no sentido de que não saberíamos como interagir fora de tais matrizes), no processo interacional elas se modificam com o próprio uso. Mais que isso, são geradas no processo tentativo de produzir interações.

Quando há rigidez comunicacional (a ponto de sequer percebermos as potencialidades do processo) é fácil atribuir a constituição de processos interacionais aos mecanismos do poder e das forças dominantes em uma sociedade. Mas em uma época como a nossa, de forte acuidade sobre o fenômeno comunicacional, ao lado da presença de regras compartilhadas (línguas, códigos culturais, para-códigos, padrões de comportamento e de pertinência), sem as quais não haveria entendimento possível, constatamos uma flexibilidade conjuntural dessas regras, pois senão o processo emperraria em automatismos justamente anti-comunicacionais.

Percebemos as regras interacionais, concomitantemente, como inevitáveis e insuficientes. A insuficiência não se expressa em necessidade de mais ou melhores regras mas, ao contrário, na exigência de outro nível e outros processos, que são da ordem da inferência e do ensaio-e-erro. A própria produção de “códigos interacionais” é tentativa e se fixa ou se dilui na medida mesmo de sua produção de resultados, conforme os objetivos locais que lhe são atribuídos e que, sabemos, sofrem deslocamentos ou mutações.

É nesse contexto pragmático que uma filosofia do dispositivo é necessária, e no qual efetivamente o pensamento de Foucault é uma contribuição fundamental. O de que me aproprio, em Foucault, é sobretudo a possibilidade de tratar de elementos heterogêneos que pragmaticamente desenvolvem sistemas de relações perceptíveis na conjuntura social. Ao enfatizar, de minha parte, o aspecto interacional, certamente dou atenção às regras que viabilizam, instituem e

caracterizam dispositivos empiricamente perceptíveis; mas também valorizo as estratégias e inferências que trazem a disponibilidade do dispositivo para o exercício concreto do *episódio comunicacional* que o aciona. Com isso, os episódios não são mero epifenômeno dos dispositivos. A necessidade social de produzir dispositivos interacionais, pela tentativa prática de exercê-los, vai sedimentando as regras. Ou seja: são as estratégias – tentativas – para gerar interação que desenvolvem as regras. Os episódios comunicacionais, na sua pluralidade tentativa, são o lugar em que as regras são tentadas e testadas. Nesse espaço, as regras são sujeitas a aperfeiçoamento, mutação, caducidade, evanescência ou irrelevância.

3. A diversidade de teorias, objetos e abordagens característicos da pesquisa em nosso campo não lhe parece um problema em si. Mas de modo diferente, você avalia a situação da dispersão em que se encontram nossos esforços de construção de um pensamento comunicacional, em função de uma intensa dispersão que impede que essa diversidade, como você afirma, não se interrogue e não produza tensionamentos. Por outro lado, será que, associadas, essa diversidade e dispersão e, mais ainda, os desafios metodológicos que muitas vezes se nos apresentam quase que de impossível equacionamento, não chegam a gerar para os pesquisadores da comunicação o que poderíamos chamar de uma ‘angústia epistemológica’?

No sentido psicológico original, a angústia seria o resultado de uma necessidade imperativa relacionada à impossibilidade de seu atendimento. A metáfora de uma “angústia epistemológica” corresponderia à adoção de uma perspectiva de conhecimento em que este só se consideraria alcançado através de uma proposição abrangente, ou seja, o conhecimento se manifestaria na forma de uma teoria geral compartilhada pelos pesquisadores da área.

A teoria caracterizaria a diversidade como variações dentro de um corpo reflexivo único. Isso reduziria a dispersão, mas também apaziguaria a diversidade – domada pela teoria geral. Se essa fosse a meta única, poderíamos prever efetivamente uma situação de angústia epistemológica para a área, pois desde os anos 90 não vemos uma geração significativa de teorias de vocação abrangente, mas sim uma produção reflexiva voltada para problemas setorializados.

Entretanto, não creio ser este o único caminho para o conhecimento. Uma das táticas da área parece ser a da simples aceitação de um conhecimento

fragmentário, satisfazendo-se com o estado atual, validando ao mesmo tempo a diversidade e a dispersão. O pensamento comunicacional seria assim uma espécie de vasto arquipélago de “ilhas” de terra firme, sem entretanto dispor de caminhos para apreensão do conjunto.

Por outro lado, creio que minha perspectiva – de valorizar a diversidade propondo o enfrentamento da dispersão – pode ser produtiva. Precisamos da diversidade, para a geração de conhecimento sobre aspectos diferenciados do processo complexo. Paralelamente, se pudermos estimular enfrentamentos entre alguns desses setores diversificados de produção de conhecimento, teremos um ganho duplo: cada área de interesse pode se desenvolver, estimulada pelos tensionamentos e desafios postos por áreas próximas; e é possível desenvolvermos um nível mais complexo de conhecimentos a partir das investigações e das reflexões sobre as interpretações concorrentes.

Com Popper, assumo que o objetivo da produção de conhecimento não é o conforto de respostas gerais, mas o desenvolvimento de perguntas e problemas mais complexos. Trabalhar o tensionamento e os desafios da diversidade pode ser, então, um eficaz antídoto contra a “angústia epistemológica”.

4. Em seu texto *Experiência estética e mediatização* (In: *Entre o sensível e o comunicacional*, organizado por Bruno Souza Leal, Carlos Mendonça e Cesar Guimarães; Ed. Autêntica, 2010), você aproxima a natureza relacional da comunicação da experiência estética. Tomando a noção de dispositivos interacionais, em que medida podemos pensar a experiência estética na sociedade mediatizada?

Creio que o artigo prefigura as reflexões que faço, hoje, sobre dispositivos interacionais. Quando escrevi, o que fiz foi sobretudo constatar diferenças no entendimento estético e nas práticas sociais ao passarmos de uma ênfase na obra para uma atenção especial à fruição estética.

Relendo agora o artigo, percebo que um de seus movimentos corresponde a tentar capturar diferenças entre as lógicas que caracterizam cada uma dessas ênfases. Sem expressar o conceito, o item “Mudanças de escala”, no artigo, trata essencialmente da distinção entre dois dispositivos. Penso que tratar essa diferenciação entre os dois processos como a constituição de dois dispositivos

interacionais permitirá dar maior acuidade à distinção – ao mesmo tempo em que se poderão esclarecer melhor as ações comunicacionais envolvidas.

No regime estético centrado na obra, percebemos um dispositivo interacional em que a fruição exige regras muito estritas sobre valor, originalidade, criatividade, todas centradas na obra que mereça essa caracterização. Tais regras são constringentes tanto para a criação – com dispositivos severos para a seletividade e o reconhecimento – como para a fruição – que deve *se formar* para aceder ao entendimento e à sensibilidade requeridos. A interação estética – a possibilidade de interagir com a obra e sobre esta – exige uma verdadeira especialização perceptiva. Os fruidores das obras, para ter acesso aos circuitos, devem dominar os mistérios e complexidades do dispositivo, e não apenas da obra. Aliás, fora do dispositivo sequer se pode reconhecer a obra, que faz parte intrínseca deste.

No regime de valorização da fruição, o processo se compõe de elementos muito diversos e menos controláveis. Particularmente, o sistema de relações que os articula funciona segundo outras lógicas – temos produtos e não obras, foco no receptor/fruidor, escalas diferenciadas, circuitos muito diversificados, experiências do estético mais dependentes da conjuntura que de sua condensação no objeto, risco de barateamento – mas também a possibilidade de uma diversificação ao alcance de muitos.

O cotejo não pretende atribuir valores ou preferências comparativas – mas sim perceber quais lógicas e processos práticos parecem entrar em ação, nos dois dispositivos, com seus “objetivos locais” – suas singularidades históricas. Dentro dessas lógicas (mas também em processo constante de deriva) é que ocorre a comunicação estética, desde a fruição até a criação.

Assim, na sociedade em midiatização, interessa investigar os processos e as lógicas que estão sendo experimentados para a criação e para o compartilhamento da experiência estética. Minha tese, no caso, é que tais experimentos se constituem e desenvolvem na forma de dispositivos interacionais.

5. No ponto hoje de sua observação e encaminhamentos destes estudos, você já adiantou que seguirá agora para a tentativa de percepção, a partir de casos específicos de diferentes dispositivos, como da comunicação crítica, da aprendizagem, da experiência estética, entre outros, tentando compreender

o que acontece no fluxo comunicacional entre dispositivo e contexto. Você poderia adiantar mais detalhes dos passos a seguir de sua pesquisa?

Minha perspectiva é que o conceito prefigurado se elabora na proximidade de processos interacionais empíricos, evitando preferências teóricas muito arraigadas. Como explicitarei no artigo, devo investigar na pesquisa cerca de dez casos específicos de dispositivos interacionais reconhecíveis. Não imagino que os casos a serem selecionados sejam típicos ou representativos. Quero apenas testar algumas perguntas que me parecem “comunicacionais”, procurando desenvolver, pelo enfrentamento empírico, sua relevância e sua formulação.

A percepção da existência e do interesse de tais dispositivos decorre de minha pesquisa anterior – em que os encontrei prefigurados em um conjunto de cem estudos empíricos apresentados na Compós por pesquisadores que acionavam diferentes perspectivas e teorias de base.

Por outro lado, um primeiro tensionamento com estas diferentes visadas – sempre levando em conta os elementos aí observados – corresponde a resistir, entretanto, a sistemas de relações que assumam relações causais e linhas de determinação apriorísticas ou peremptórias.

Naturalmente, não tenho a pretensão de que minhas proposições sejam acolhidas como uma espécie de “língua franca” entre áreas de interesse diverso, nem proponho uma “teoria explicativa”, mas sim uma heurística para aproximação de situações comunicacionais. O que pretendo é investigar alguns objetos empíricos diferenciados – entretanto constituídos segundo uma mesma problematização. Posso aproveitar então o conhecimento comunicacional oferecido por diferentes estudos e preferências investigativas sobre tais tipos de objeto empírico, gerando, pela diversidade mesmo das visadas, outras perguntas e hipóteses que podem ser transversais entre meus casos de pesquisa, devido a sua construção comum como “dispositivos interacionais”.

A perspectiva oferece perguntas que – se respondidas por investigação – podem nos aproximar de algumas características relevantes do processo comunicacional. Que elementos relevantes encontramos em diferentes dispositivos? Que sistemas diferenciados de relações? O que a sociedade parece estar tentando aí? (o que é diferente de se perguntar o que os participantes da

interação estão tentando). Que regras ou códigos estão sendo elaborados nessas tentativas? Que espaços, por outro lado, são deixados à inferência conjuntural? O que esses códigos viabilizam ou constroem, na lógica dos objetivos? Como os processos tentativos conjunturais lidam com a própria insuficiência inerente aos códigos? Que diferentes objetivos sociais tentam se sobrepor em um mesmo dispositivo?

Acredito que nesse nível de aproximação empírica poderei contribuir para o esforço, contra a dispersão, preservando a diversidade. É essa heurística que pretendo testar na pesquisa que estou iniciando.